



## **“As ciências sociais em busca da consolidação”**

Aula Magna Proferida pelo Prof. Dr. Gabriel Cohn

Março de 2010

A minha conferência de abertura do Curso de Ciências Sociais da Unifesp, para a qual tive o prazer de ser convidado, marca um momento importante na vida de vocês, jovens que estão ingressando na universidade agora. Este momento é marcado por uma mudança de ciclos, ciclos de vida, ciclos acadêmicos, ciclos institucionais. Eu vou me permitir primeiro fazer referência ao aspecto triste disso, por que nós tivemos pouco tempo atrás a perda de um colega muito querido, muito importante, que tem muito a ver com essa nossa instituição, o professor Gildo Marçal Brandão, que nos deixou há poucos meses. Gostaria até de fazer da minha fala uma homenagem a esse importante e querido mestre, que encerrou um belo, proveitoso e exemplar de ciclo de vida.

Temos hoje também outros ciclos em andamento, não de encerramento, mas de projeção para o futuro. Estive aqui na Unifesp há alguns anos falando para a primeira turma do Curso de Ciências Sociais. Agora, nesse meu retorno, vejo a marca completa da presença e da vitalidade dessa instituição já dentro das Ciências Sociais brasileiras, reforçada pela essa outra coisa extraordinária que é o início do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Estamos vivendo um momento de consolidação e de fortalecimento de um modo de trabalhar, de um modo de fazer as coisas, modo de estudar, que vai ganhando um perfil próprio. É muito bom ver isso. Esse momento também é marcante para mim. Outro dia — para susto e consternação minha — me dei conta que se completa nesse ano meio século de minha entrada nas Ciências Sociais, um envolvimento que se iniciou quando ingressei na Universidade de São Paulo como aluno de graduação em 1960. Gostaria assim de fazer algumas observações sobre aquilo que vem sendo objeto de minha reflexão nessas últimas décadas sobre o perfil do que vem a ser essa coisa complicada chamada Ciências Sociais no Brasil.

Não vou apontar longe demais. Esse período, que vem dos anos 60 do século passado pra cá, é um período de uma densidade que realmente suscita algumas questões que merecem a nossa atenção aqui e agora. Creio que são questões pertinentes para vocês aqui na Unifesp, uma instituição que está com todo vigor definindo o seu padrão de atuação nas Ciências Sociais. Assim sendo, vou centrar minhas palavras naquilo que me parece ser uma, digamos, polarização presente

na história das Ciências Sociais brasileiras nestas últimas cinco décadas. Temos um perfil das Ciências Sociais — que marcou a minha formação pessoal — que é o perfil da Universidade de São Paulo nos anos 60 do século passado, que eu chamaria de “enciclopédia abrangente”. Nessa época, a USP oferecia a quem quisesse trabalhar na área o mais amplo horizonte de possibilidades intelectuais. A esse eu gostaria de contrapor o perfil que se foi realizando especialmente a partir dos anos 70, que é o perfil da especialização, da profissionalização, da geração do especialista e do perito. O problema é como trabalhar entre estas duas grandes concepções a formação de cientistas sociais — não se trata só a formação deles, mas também das próprias Ciências Sociais. É necessário pensar essa formação dentro de um ambiente de pensamento marcado por essas duas grandes tensões, essas quase rupturas que continuamente ocorrem no campo das Ciências Sociais. O principal desafio diz respeito à questão de como enfrentar a tensão gerada por uma dupla exigência, muito difícil de conciliar: a exigência de conciliar *rigor* e *finura*. Venho chamando a atenção para essa questão há muito tempo, pois a considero fundamental. Esse é talvez o problema mais central de quem vá se formar, de quem já se formou ou de quem já trabalha nessa área. Como é possível ser ao mesmo tempo rigoroso — com sólido manejo de pesquisa e metodologia — e agregar as bases intelectuais de caráter mais analítico, que é exigência fundamental de quem vai estudar a sociedade, quem vai intervir, a seu modo, na sociedade? Essa segunda característica eu chamaria das *sintonias finas*, que corresponde à capacidade de apreender aquilo que está presente o tempo todo no que se pode observar, mas que não é evidente. Sabemos muito bem que existe uma fina, mas ao mesmo tempo sólida, linha que separa a experiência ingênua do dia-a-dia da experiência reflexivamente articulada, capaz de penetrar além da experiência ingênua na referência às questões da sociedade. Fazer Ciências Sociais, seja como estudante seja como pesquisador ou docente, significa estar o tempo todo nesta tênue, fina e ao mesmo tempo extremamente resistente linha de divisão. O tempo todo você tenta passar para o outro lado. Ser capaz de perceber aquilo que não é evidente e, no entanto, está aí diante dos seus olhos. As Ciências Sociais trabalham com um objeto de conhecimento que tem um grau de complexidade que desafia o observador.

Vou contar a historinha que o André Gorz contava, de um grupo de sociólogos que resolveu pesquisar uma fábrica de automóveis inglesa para saber por que diabos não acontecia greve lá. O grupo pesquisou, publicou um livro e dois meses depois, estourou uma greve! A sociedade é um objeto de conhecimento que é da mesma ordem de complexidade do observador. Assim, não é fácil você ultrapassar essa linha. Vivenciamos os automatismos das nossas experiências cotidianas, mas temos — ou deveríamos ter — a consciência do perigo de atravessar afobadamente a linha, e sair manobrando de maneira alucinada. Temos que saber o tempo todo manter tensa a linha que separa a percepção ingênua, a percepção de senso-comum, da percepção trabalhada, da percepção mais fina,

daquela percepção que permite responder à primeira exigência da ciência, que é o estabelecimento de relações não triviais entre fenômenos. Isso, naturalmente, é muito fácil de falar, mas difícil de fazer. É difícil perceber que entre coisas que estão aparentemente separadas há relações sim, e relações difíceis de formular e ainda mais difíceis de estudar. Essa exigência tem a ver com o exercício da finura de perceber aonde, afinal de contas, há uma relação que permite levantar o problema, e exige também o rigor para bem formular o problema e dar conta dele. Porque a questão fundamental da pesquisa, como sabemos, é levantar e reformular problemas relevantes, de formular a boa questão do bom momento. Essas linhas finas que marcam o nosso horizonte intelectual de formação são decisivas e desempenham papel fundamental para se pensar o significado do alcance das Ciências Sociais e para, por isso, desenvolver isso na formação, na pesquisa.

Vou me reportar novamente à minha experiência na USP, para continuar respondendo à questão da formação de uma maneira que possa ter o máximo de alcance para o trabalho de reflexão e para o aprendizado de quem está entrando nessa área. Você estuda Sociologia, estuda Antropologia, estuda Política, estuda História, estuda Geografia, estuda Matemática, Filosofia, Psicologia Social — note-se que essa última foi eliminada da graduação na USP, o que é um desastre; hoje temos cientistas sociais que nunca tiveram uma aula de Psicologia Social! Quer dizer, o camarada estuda todas essas disciplinas, mas se especializa na área da política, sai dali para estudar opiniões, e nunca discutiu seriamente o conceito de atitude. São coisas se perdem no meio do caminho e têm que ser retomadas mais à frente. Até os anos 70 a ideia era a da não especialização, que foi extremamente bem sucedida, porque de fato formava inteligências ágeis, capazes de enfrentar com muita rapidez questões novas num mundo em que elas emergiam a todo o momento, e isso, digamos assim, com um mínimo razoável de informação especializada. Essa formação foi bem sucedida porque havia um amplo espaço aberto em termos profissionais, numa época em que não se conseguia entrar numa redação de jornal sem encontrar lá gente com formação em Ciências Sociais. As Ciências Sociais no Brasil foram marcadas por essa situação — vou voltar a ela daqui a pouco — e por aquilo que foi quase uma exigência para o avanço institucional das Ciências Sociais nessa época: a criação da pós-graduação. Aliás, esse último desenvolvimento aconteceu em um período ditatorial. A partir de então predominou a ênfase na pesquisa e na ciência, o objetivo era criar uma comunidade de pesquisadores nacional, de inventar uma nação-potência. Para que as Ciências Sociais aproveitassem a carona, o projeto implicava a ênfase na ciência, na tecnologia e na pesquisa e, naturalmente, na pós-graduação. Junto com isso, criaram-se, no âmbito do mercado de trabalho, as reservas das regulamentações profissionais. Resultado: tudo contribuiu para que a ênfase se desse sobre a perícia especializada. Se hoje vocês são levados na direção da especialização profissional é porque isso definiu o campo das Ciências Sociais no passado, situação

que, creio eu, ainda será amplamente predominante por algum tempo. A aposta, nesse caso, é, digamos, a aposta no *rigor*. Se você focaliza bem, se você aprende a dominar as técnicas de pesquisa, se você aprende as técnicas estatísticas, de revisão da bibliografia, então você está bem situado. Fica em segundo plano o que chamo de *finura*, a capacidade de perceber a teia fina que está o tempo todo luzindo no horizonte.

Vou detalhar meu argumento. Atualmente, a ênfase das Ciências Sociais está colocada numa capacidade de resposta perita e treinada a problemas que estão aí colocados. Não é tanto o problema de formular a questão, de apontar aquilo que escapa da percepção comum. É aí que devemos procurar nossa atuação. O que está em jogo hoje é a capacidade de responder adequadamente quando o problema é suscitado na realidade social. Não se trata de sair perseguindo aquela intuição que te atormenta, mas sim estar preparado para quando surgirem questões do tipo “Que diabo acontece aqui?”, “Que negócio é esse de política reducional, sei lá o quê?”. Você tem que responder com precisão a isso, o que exige uma formação que aposta na inteligência fina. O problema, sabemos disso, é que não dá para trabalhar nem só de um lado nem só do outro. O rigor e a finura — vamos chamar isso de atitude do século passado — é a herança que trazemos para essa primeira década do século XXI. No entanto, tudo isso não conseguiria se sustentar a não ser num período muito específico, onde você tinha uma sociedade em mudança muito rápida, muito aberta, muito solta e que, rigorosamente, não existe mais. Até o final dos anos 60 do século passado, a resposta vinha de pequenas instituições e da USP, que ditou o perfil das Ciências Sociais nesse período. Quando você reduz o *status* das Ciências Sociais, quando você tem um enrijecimento crescente do ambiente social e cultural ou um enrijecimento total, como aconteceu durante a ditadura militar, esse sistema não tem o mesmo espaço. Isso é perdido. Ou quase. Espero que a herança da finura não seja ser perdida; vou tentar defender isso. Agora, não dá também para ficar confiando somente na nossa capacidade de decodificar a sociedade.

As Ciências Sociais não são exercícios para videntes privilegiados. É preciso colocar sim a questão do rigor, da formação técnica sólida. Devido às questões que emergem no mundo em novos termos — é isso que eu gostaria de assinalar aqui — a questão central que está envolvida no aprendizado e no exercício das Ciências Sociais e que envolve ambas as capacidades — a do rigor e da finura — é a questão da mobilidade intelectual. Mobilidade: esse é o termo fundamental. A inteligência necessária para atuar nas Ciências Sociais é uma inteligência móvel, ágil, capaz de rapidamente se orientar no mundo e lidar com o que aparece nos lugares mais inesperados. Temas, problemas, sutilezas, desafios. A mobilidade é capaz de perceber o primeiro sinal do que está

emergindo. Eu vou dar um exemplo disso, não de agora, mas daquilo que eu chamo de “firula” dos tempos regressos, e que foi suscitado pela observação da Marcia Dias, feita hoje aqui na introdução dessa minha fala. Ela falou, com razão, de que na USP, num certo momento, houve um trabalho pioneiro entre as universidades nacionais em se trabalhar a questão da comunicação de massa, da cultura de massa, da indústria cultural pelo viés sociológico. E foi somente na USP. Por quê? Eu gostaria de falar por minha conta, fazendo uma homenagem ao meu grande mestre, o Prof. Otávio Ianni. Foi em 1965 ou 1966, durante uma reunião da antiga Cadeira de Sociologia. Ele disse: “Minha gente, está acontecendo uma coisa nova na nossa sociedade, em todas as sociedades, e nós não estamos sabendo perceber isso. Os meios de comunicação de massa estão aí. Há um novo tipo de cultura, uma nova organização da vida cultural, e nós não estamos prestando atenção nisso.” E a partir daí essa questão foi incorporada ao trabalho da Sociologia no Brasil. O que estava em jogo, nesse episódio, é essa coisa que não é comum no nosso ambiente acadêmico atual. Perceber algo que está começando a emergir. E não foi simplesmente a liberdade intelectual dos anos 60 (claro que diminuindo na segunda metade) que levou a essa questão da indústria cultural. Isso estava apenas começando a aparecer. O que foi isso então? O Ianni estava na Sociologia? Estava. Estava estudando a questão da agricultura? Estava. Estava estudando a questão da industrialização? Estava. Ao mesmo tempo, ele estava conversando com os cineastas, ao mesmo tempo estava fazendo uma análise do que ocorreu no novo cinema documentário. Ao mesmo tempo, ele estava percebendo que havia alguma coisa aí acontecendo com os jovens — os jovens estavam mudando e encontrando um mundo difícil, como ele escreveu na época. Quer dizer, ele estava com a cabeça em muitos lugares e sabendo jogar tudo isso numa área de preocupação. Vejam só como temos aqui a possibilidade de comparar duas formas de condensação, de concentração de diversos raios luminosos. Uma é essa para a qual estou usando o exemplo do mestre Ianni, que é a capacidade de juntar fios separados a partir da experiência pessoal, institucional e intelectual mais ampla, associando isso à concepção da universidade e à construção política da sociedade, evidentemente. É essa capacidade que eu gostaria de enfatizar: juntar todas essas experiências e ir ampliando essas experiências para conseguir condensar isso em alguns momentos fundamentais, na formação de uma área de estudo, de um tema de pesquisa, enfim, gerar uma contribuição nova para o conhecimento. Porque se você propõe uma área de pesquisa, você imagina uma contribuição ao conhecimento. Falarei do segundo aspecto a seguir.

Por isso que é tão importante para vocês estarem aqui neste momento celebrando seu encontro com as Ciências Sociais. Vocês estão colocando a sociedade em uma máquina geradora de um conhecimento à qual darão um perfil próprio. Isso é produção real. Uma coisa é você condensar dimensões diferenciadas da experiência ativa, propor uma relação nova entre as coisas, e fazer isso

com base no que chamo de uma acumulação, condensação de experiências. Outra coisa é o que se foi instaurando nos anos 70, que não é tanto a focalização pela múltipla experiência do intelectual, mas a focalização por meio da especialização, da técnica. Aí é outro quadro. Eu não estou dizendo que isso não tem utilidade. Não estou dizendo que isso seja secundário, mas que é diferente. Porque aí, digamos assim, a amarra da questão vem dos métodos, do domínio das técnicas, vem da bibliografia, etc.. Então é outra forma. Uma forma, digamos, mais disciplinar, mais dura, mas é uma forma um pouco mais direta. Os dois lados apresentam distorções. Vou falar de uma experiência que para mim foi traumática. Anos atrás, eu participava de uma banca de seleção de docentes, em que se discutia o perfil dos candidatos. A certa altura, um colega disse assim: “Os dois são bons, mas o fulano, pensando bem, ele é mais um *intelectual*.” Quer dizer, intelectual aí se referia a um sujeito que fica “voando”. O que, evidentemente, mostra essa distorção da ênfase na especialização, que desvaloriza a competência mais ampla.

Voltemos a nosso problema. Como diabo eu faço isso? Como posso estar sintonizado com o que acontece à minha volta, ser capaz de perceber os elos inesperados dos quais falei agora há pouco? Como consigo lidar com isso e com outra questão totalmente diferente, a da técnica, que eu tenho que colocar ali na minha pesquisa ou na minha aula? Conciliar isso com a exigência de uma inteligência analítica muito bem trabalhada é complicado. No meu tempo de estudante, havia a disciplina chamada “Complementos de Matemática”. E não era complemento no sentido de mostrar o que é logaritmo, etc. Não era isso. O velho professor de matemática procurava mostrar aos estudantes os significados dos conceitos matemáticos (qual é o significado, em termos não técnicos, de “limite”, por exemplo), o que era uma tarefa difícil, mas de resultados fascinantes. Enfim, era uma tentativa de trazer aos estudantes algo que lhes permitisse perceber que existe sim uma área fundamental do conhecimento que não pode ser desprezada, recusando-se a ficar apenas repetindo exercícios bobinhos em sala de aula. As nossas áreas estão contaminadas por um preconceito anti-matemático. Agora me digam: como é possível treinar uma inteligência analítica, inclusive nas faculdades muito finas da imaginação, da fantasia formal, sem passar por ela? Somos todos mais ou menos rotulados como “analfabetos matemáticos”, e não podemos permitir que isto se acentue. Porque não é verdade que as pessoas sejam incapazes de enfrentar certas áreas do conhecimento. Tem gente que diz que nunca vai resolver uma equação na vida. Essa é uma conclusão terrível. Se temos cabeça para um lado do trabalho intelectual, porque que não temos para outro? Devemos ser capazes de perceber os conceitos básicos do conhecimento do outro, e entender o encadeamento rigoroso de enunciar uma questão que vem da análise formal. A construção de um argumento que se sustente passa por uma boa análise. Fazer ciência não é só trabalhar com um objetivo em mente: é traduzir isso em argumentos. E — não se esqueçam — trabalhamos em uma área do

conhecimento que tem uma peculiaridade muito estranha: diferentemente do que ocorre nas outras ciências, nas Ciências Sociais não é o resultado do final da pesquisa que define a sua importância, mas em grande medida o que levou a esse resultado, isto é, o encadeamento dos argumentos e os tipos de questões que foram sendo colocadas ao longo do caminho, e não simplesmente a conclusão. Porque se fosse pela conclusão, “tchau” para os nossos clássicos! Vejamos a questão da relação entre protestantismo e capitalismo. Essa proposição, colocada por Max Weber, é muito contestada por estudos historiográficos. Mas e o caminho que ele fez para chegar até aí? E a área que ele trouxe para a reflexão social? É isso que dá o caráter de um clássico, não é? Se eu perguntasse ao velho Marx: “O que você fez de bom? Qual é tua inovação?” Ele provavelmente responderia: “Não apresentei nenhuma *inovação*. Não vejo as coisas por esse ângulo. Os autores burgueses já falam disso há um bom tempo; essas coisas todas já estavam aí. O que fiz de novo foi mostrar que uma determinada classe vai substituir a outra através do processo revolucionário.” Bom, se é só isso, então “tchau” Marx! Mas não é. Sabemos que a genial contribuição desse homem não se reduz àquilo que ele imaginava que fosse a sua brilhante contribuição. Ele mesmo não se deu conta de sua contribuição tão espantosamente inovadora, do salto espantoso e genial que foi sair da pura referência à produção, para falar de *modo* de produção. Quer dizer, esse algo a mais, essa nova forma de entender as relações na sociedade, é isso que faz com que Marx esteja hoje aqui, inteirinho, tornando-se uma figura genial da nossa área. Os grandes cientistas sociais são relevantes na atualidade porque eles sempre encontram forças para reaparecerem.

Mas o que é fundamental? Indo ao ponto: essa trajetória das Ciências Sociais nos coloca um desafio fundamental que é como amarrar essas coisas todas em condições sociais que estão mudando numa escala e numa velocidade absolutamente sem precedentes. Até meu querido mestre Ianni, tomado como exemplo há pouco, talvez ficasse meio atordoado se estivesse entre nós agora, ao tentar perceber qual é a nova questão. Ou tomaria um rumo diverso. Diria que, na realidade, por trás das “novas questões”, na verdade se esconde uma espécie de grande retorno. Ele diria: “Olha, vocês estão enganados. Vocês estão caindo no fascínio das Ciências Sociais. Não está surgindo o ‘mundo novo’ e a ‘inovação’ que vocês imaginam. O que está havendo é uma forma específica de reencarnação do mesmo movimento anterior, e vocês têm que procurar descobrir qual forma é essa.” Não sei se ele responderia mesmo desse modo, mas é uma resposta que merece atenção. De repente o que importa é descobrir o modo como o velho se reitera sob aparência do novo. Isso pode ser mais importante do que ficar correndo atrás do novo igual criancinha atrás do pião. Porque esses são os problemas que exigem que não fiquemos presos às especialidades, que demandam uma união de forças para abordar novos problemas, mais abrangentes.

Todos sabemos que não estamos totalmente prontos para responder a essas questões. E não

é só isso: estamos com dificuldade para formular as perguntas para essas questões. Porque a ciência é isso: ela tem que formular perguntas. Se você formula bem a pergunta, você está com meio caminho andado. Mas quem formula bem? No mundo em que estamos vivendo, só se fala em “o novo é isso”, “o novo é aquilo”. Parece que todos nós estamos precisando um Marx para entender o que está acontecendo no mundo. Nenhum de nós tem a pretensão de ser tal figura e também não podemos atuar enquanto as condições históricas não estiverem maduras. No entanto, é preciso pelo menos agregar alguns elementos para o esforço de compreender as questões que realmente vão ao âmago do problema. É isso que aparentemente nos escapa: o âmago, o núcleo da questão. Embora esse seja o primeiro passo, não devemos ficar só nele. O primeiro passo é um pouco mais sério. Entre as questões a serem investigadas, se inclui essa que coloquei a pouco: o que aparece como o absolutamente novo pode ser a forma de expressão do velho.

Para se formular bem um problema é preciso um exercício extremo da articulação entre rigor e finura. Essas duas coisas vão nos seguir como estímulo e como desafio o tempo todo. Temos que ter em mente uma característica fundamental das Ciências Sociais. É que o modo de abordagem das questões que são relevantes nas Ciências Sociais não assume o modo linear. Não se trata de modo direto; é um modo indireto, é um caminho bem mais sinuoso, é colocando o desafio de cercar o problema com perguntas que são cada vez mais incisivas. Vocês não esperam que as Ciências Sociais atuem como um acelerador de partículas, não é? Ninguém supõe que as Ciências Sociais funcionem submetendo as próprias estruturas elementares a pancadas cada vez mais ferozes, frontais, para assim produzir os elementos de um novo conhecimento. Não dá para fazer isso. Você tem que trabalhar de forma sinuosa, de forma indireta, o que é, mais uma vez, um convite para o que eu chamo de finura. Mas uma vez que se chega ao ponto central, aí sim, você coloca a questão no momento do ataque ao objeto de suas observações. Nesse momento do rigor, entra não só a capacidade de formular boas questões, mas também de desenvolver bons argumentos.

Tenho a impressão de que essa é a exigência básica: a exigência da mobilidade. Porque é só com muita mobilidade que você consegue cercar seu objeto sem ferocidade, sem choque frontal. Bater de frente não resolve. Nosso objeto é esquivo; nosso objeto é às vezes difícil até de definir. Aliás, segundo uma das grandes contribuições da Sociologia do final do século XX, que é a de Niklas Luhmann, vivemos num mundo em que não temos mais “sociedade”; desaparece o conceito de sociedade e ficam apenas os sistemas.

A questão da interdisciplinaridade é fundamental para não nos atermos aos limites disciplinares. Entretanto, uma coisa tem que ser levada em conta quando se fala da pesquisa interdisciplinar. Ela, na verdade, só aparece, em seu sentido pleno, na ponta da pesquisa, que é onde começam a se juntar as questões, dando lugar a outro segmento da pesquisa. Ela faz uma



diferença fundamental quando você recusa as amarras disciplinares. Mas para funcionar é preciso não esquecer o que deve vir ali na frente. É por isso que insisto na questão da mobilidade intelectual. É preciso, na realidade, não uma “inter”, mas “*intradisciplinariedade*”. É preciso estar atento, pois o pesquisador excessivamente preocupado com a interdisciplinaridade cria um objeto complexo e por isso corre o risco de, ao invés tornar a investigação mais ágil, se ver diante um ponto tão fechado quanto antes. Trata-se sempre de buscar a abertura contínua de horizontes, mas de uma maneira que não seja dispersiva, não puramente acumulativa, portanto não enciclopédica no sentido estrito ou pirotécnico do termo, mas de um modo que permita o pesquisador de se mover rápido, percebendo as gradações. Ou ele poderia não se mover em absoluto, mas ter plena percepção dos mínimos movimentos no seu entorno. Uma ciência social *zen* até que faria um bocado de sentido. Os arqueiros da sociologia *zen* poderiam ir muito longe, porque o que eu chamo de mobilidade não é correria: é a atenção plena às novas questões; é atenção focalizada, mas não especializada.